

Belo Horizonte

em verso e prosa



N.Cham. B869.1 B452 2008

Título: Belo Horizonte em verso e prosa .

LETRAS

B869.1

B452

2008



346061006

493553



a tela
e o texto

1000.1
B74
36

Belo Horizonte em verso e prosa

Maria José de Castro Alves
Coordenação da Linha Editorial
Tela e Texto

Maria Antonieta Pereira
Rubens Rangel Silva
Coordenação Geral



a tela
e o texto

Belo Horizonte – 2008

PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
A TELA E O TEXTO
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
Telefone (31) 3409-6054
telatexto@ufmg.br
www.lettras.ufmg.br/atelacotexto
Registro SIEX no. 10.416
Registro na Biblioteca Nacional n°. 7758
Registro no INPI 20040B900086

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346061006

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA

493553

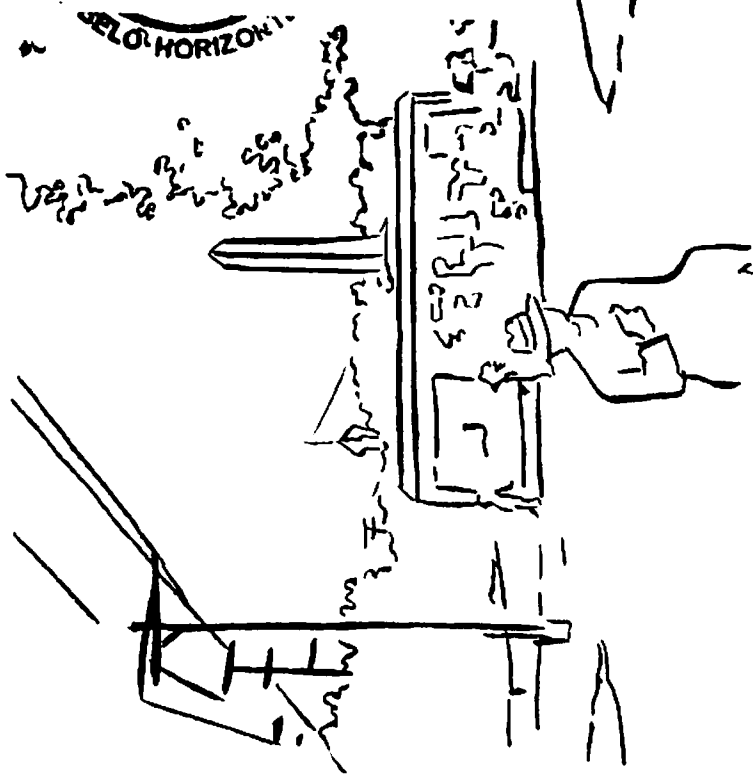
Faculdade de Letras

11

Biblioteca Universitária

17 / 08 / 2010

3460610-06



Mariana Parzewski Neves - Praça 7

Caro(a) leitor(a),

O Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto*, da Faculdade de Letras da UFMG, por meio da Linha Editorial *Tela e Texto*, já lançou seis livros em formato bolso. Os títulos são: *Poesia, Prosa, Presente Poético, Crônicas em rede, Lendas e mitos do Brasil e Histórias dos Evangelhos*. O objetivo principal dessa iniciativa é divulgar a Literatura Brasileira, por meio da publicação de livros a baixo custo (R\$ 1,99), ajudando a oferecer ao cidadão mais oportunidades de boa literatura.

A partir da sugestão do escritor Jorge Fernando, que contribuiu na coleta dos primeiros textos deste livro, e após um cuidadoso trabalho de organização, o Programa *A tela e o texto* tem o prazer de apresentar-lhe seu mais novo livro: *Belo Horizonte em verso e prosa*. Para este livro, a Linha Editorial *Tela e Texto* convidou diversos autores a comporem uma seleção de textos cujo tema é uma homenagem poética à cidade de Belo Horizonte.

Belo Horizonte aparece retratada por

meio de crônicas e poemas que, debruçados sobre a capital, falam um pouco de sua vida, seu cotidiano e seus hábitos – alguns saudosos, outros mais audaciosos – no desejo de expressar o amor pela cidade.

O lado poético de nossa capital, mesmo com a correria de seu cotidiano, é captado e expresso em "Poética", de Gilbert Daniel. A alegria dos costumes preservados, mesmo com o dinâmico crescimento urbano, floresce em "Capital humanizada", de Bilá Bernardes. Os espaços alternativos, percorridos por uma geração ávida, em busca de sonhos, são retratados na crônica "John Goes, Bells", de Sérgio Fantini. Um panorama geral do equilíbrio entre o antigo e o moderno compõe a crônica de Luís Giffoni. A presença de todos os povos e a herança cultural da capital mineira são a matéria do texto de Jorge Fernando. Enfim, são esses alguns dos olhares poéticos, entre tantos, que pousam sobre a cidade de Belo Horizonte.

No endereço eletrônico www.letras.ufmg.br/atelaetexto, há mais informações sobre o projeto de livros a baixo custo e sobre o Programa *A tela e o texto*.

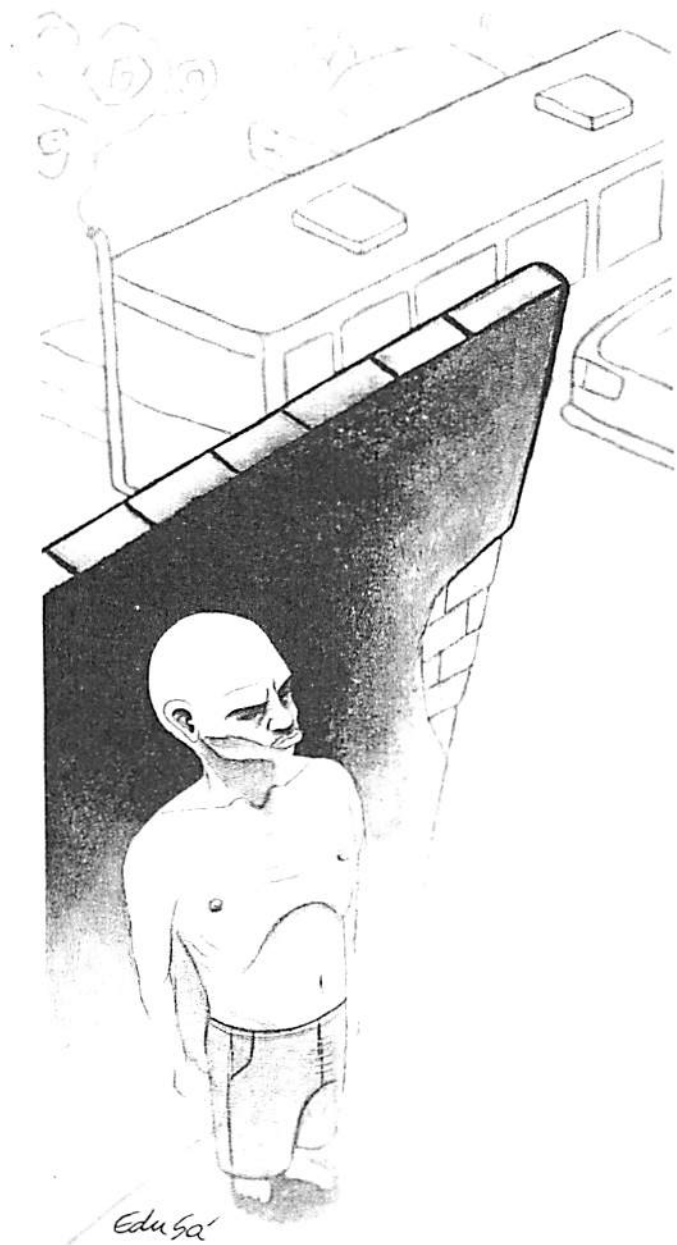
Desejamos a você uma boa leitura e contamos com sua colaboração na divulgação deste trabalho.

Equipe da Linha Editorial *Tela e Texto*
Abril de 2008

SUMÁRIO

Cenas urbanas	09
<i>Haicais de Jorge Fernando dos Santos</i>	
Belo Horizonte	12
<i>Rejane Helena Alves</i>	
Poética	14
<i>Gilbert Daniel</i>	
Contorno	15
<i>Stela Soares</i>	
Maravilhas mineiras	17
<i>Luis Alberto</i>	
Pampulha	19
<i>Ronald Claver</i>	
Cidade dos horizontes	20
<i>Suziane Carla Fonseca</i>	
Curral Del Rei	22
<i>Ronald Claver</i>	
Capital humanizada	23
<i>Bilá Bernardes</i>	
Braços abertos	26
<i>Bilá Bernardes</i>	

Belo Horizonte no espelho do tempo	28
<i>Ronald Claver</i>	
Sonho do parque	31
<i>João Fábio</i>	
Os meninos da pelada	33
<i>Edward Ramos</i>	
Uai, sô!!! Não é que é mesmo?!	36
<i>Marília do Nascimento Alcanjo</i>	
Onde estão as joaninhas?	39
<i>Ulisses Rodrigues Vieira de Souza</i>	
John Goes, Bells	44
<i>Sérgio Fantini</i>	
O mundo num dedal	49
<i>Luis Giffoni</i>	
Povos de todo o mundo	53
<i>Jorge Fernando dos Santos</i>	
Amando em Belo Horizonte	57
<i>Adriano de Moraes</i>	
Sobre os autores	59



Cenas urbanas

Buzinas e apitos
motores e britadeiras
música concreta

Buraco na rua
ferida aberta no asfalto
pele da cidade

Trem de ferro apita
chorando as mágoas
do maquinista

Manequins miram
manequins na vitrine
espelho às avessas

Menino viciado
em cola de sapateiro
tem os pés descalços

Cai o temporal
o rio brinca de mar
no mangue das ruas

Olha a sorte grande!
Vendedor de loteria
vende o que não tem

Vem a passeata
serpente de mil cabeças
um só pensamento

Ergue-se o Boeing
no oceano de ozônio
Peixe prateado

Postes da avenida
cruzes iluminadas
no calvário da noite

Espinhas de peixe
parabólicas ligadas
na onda da novela

Sobre a capital
brilha a moeda de prata
lua capitalista

Haicais de Jorge Fernando dos Santos



Adriano Paulino

Belo Horizonte

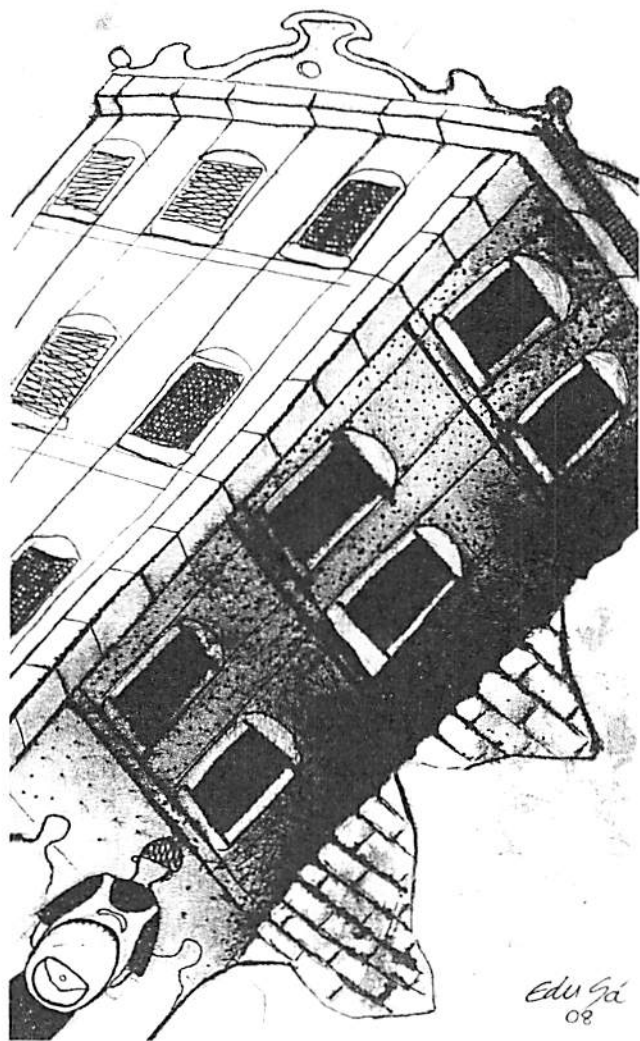
Belo aqui, belo adiante
De um horizonte gigante
Um solo que acolhe a gente
Vinda de terra distante

Mãe de grandes inteligências
Aqui floresce as competências
Que levam seu nome avante
E retratam sua imagem brilhante

De formação secular
Preserva seu caráter singular
Acolhendo o seu visitante
De uma maneira peculiar

Parabéns aos belorizontinos de coração
Construtores do progresso desse chão
Que persistem no caminhar
Em busca da consagração.

Rejane Helena Neves



Edu Gá
08

Poética

A poesia espalhada pelo mundo
pelo horizonte
tão evidente
na bala colorida
no obelisco da Praça 7
nos prédios cheios de vidas humanas
na multidão
nos elevadores com cheiro de mofo
nos automóveis parados no semáforo
a poesia está nas gentes
não só em livros de poemas
sobretudo
aqui
entre elevados e nuvens
avenidas e sorrisos
a poesia é o sentimento

Gilbert Daniel

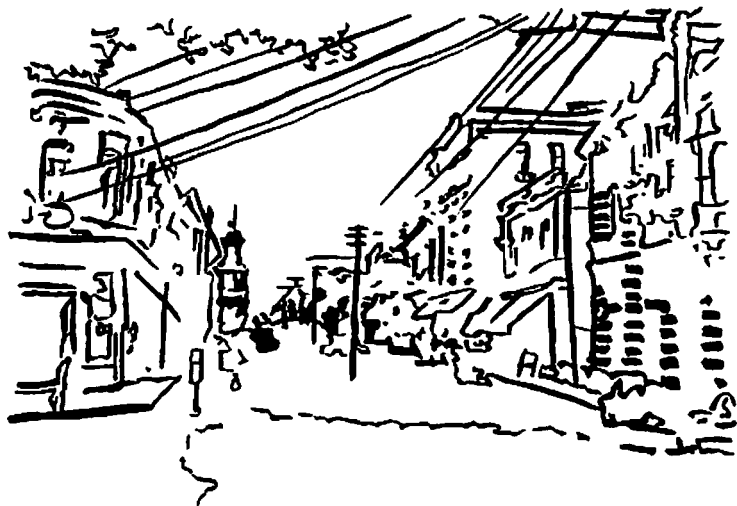
Contorno

Entre laços e linhas
Retas e curvas
Os limites da cidade
Ultrapassam a visão

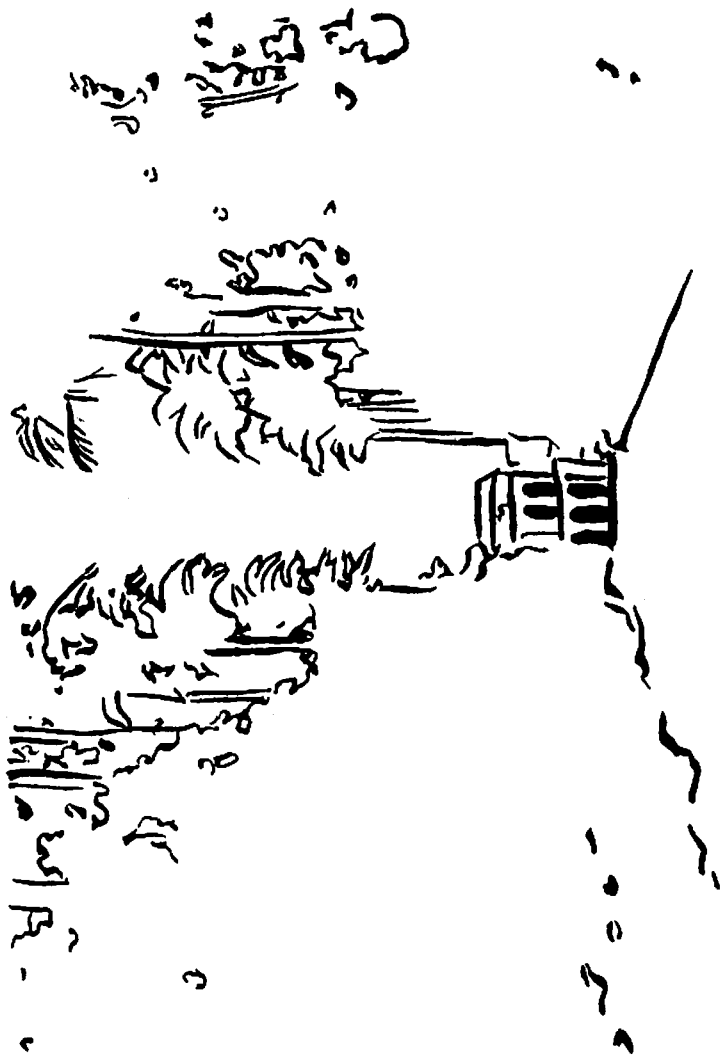
Stela Soares

UFMG - Faculdade de Let.

BIBLIOTECA



Mariana Parzewski Neves



Mariana Parzewski Neves – Praça da Liberdade

Maravilhas mineiras

Como é linda a Liberdade
Nesta praça, domingo à tarde
Crianças brincando
E namorados se beijando
Em pouco tempo nos esquecemos
De todos os problemas que temos

E no mirante sempre dá pra ver
O horizonte mais belo que se pode ter
Oh! Cidade radiante
Com belezas exuberantes
Grande Minas Gerais
Maravilhosa por suas belezas naturais
Que sua alegria não acabe jamais
E nós mineiros sentirmos o orgulho
Em dizer Uai.

Luis Alberto



Pampulha

A lagoa é a ilha da cidade do belo
horizonte.

A lagoa é cercada por Juscelino,
Guignard, Niemeyer, Lúcio Costa, José
Pedrosa, Portinari, Ceschiatti, Burle
Marx, Zanoisk, São Francisco e Iemanjá.

A lagoa é ilhada por bares, boates, botes,
Bêbados e bancos
Bichos e bichas
Drinques, draivins, motéis, jardins
Lanchas e lanches
Casarões, quartéis, mansões
Dragas, drogas e docas
Branços & brancos

A lagoa é aberta ao povo, aos pobres, aos
pretos, para pescar e pegar xistose.

Ronald Claver

Cidade dos horizontes

Ontem em tuas ruas arborizadas
Ouvia-se o canto dos pássaros.
E por esses caminhos, vozes de uma época
De outros costumes e amores.

Em dias de sol, luvas e sombrinhas na mão
No elegante passeio de bonde.
Reencontro de amigos, conversas triviais
Nos bares e esquinas de toda a cidade.

Ao cair da noite, a boemia vagava pelas ruas
Do Santa Tereza, da Lagoinha,
Até o raiar de um novo dia.
Uma música ressoava suas últimas notas.

Como redoma, nos arredores as montanhas
Davam os ares da tradição e das letras.
E a Pampulha e o Parque
Beleza ao coração.

Fragmentos de um cotidiano,
Pedaços de uma cidade
Lembrados com saudades...
Por quem hoje é avô, mas um dia foi criança.

O bonde já não passa,
Seus rastros podem ser vistos.
O coreto da Praça permanece no mesmo lugar,
A banda de música toca para outros casais.

E assim a cidade foi crescendo,
Perdeu alguns horizontes, ganhou outros cenários.
O concreto floresceu juntamente com os espigões,
E os ficus da Avenida estão plantados na memória.

A vida transformada.
A tranqüilidade não é a mesma,
Os vizinhos não são os mesmos,
Alguns partiram, outros se esqueceram.

Ao entardecer,
Ao anoitecer,
Ao amanhecer de outras esperanças
Ainda um belo horizonte!

Suziane Carla Fonseca

Curral Del Rei

Era uma vez uma montanha que rodeava a cidade
A montanha que rodeava a cidade
era cada vez mais uma vez
Uma vez a montanha que rodeava a cidade já era.

Curral del Rei era o nome de Belo Horizonte
Um dia o rei foi embora e o curral virou serra
A Serra do Curral tinha um horizonte belo
Os homens acharam que horizonte é palavra bonita
E multinacionalmente levaram o substantivo e a
serra.

O trem que leva o minério de Minas para o Rio
É um trem igual aos outros que levam o minério
Um pouco da paisagem, do ar e da brisa.
Um trem igual aos outros vai levando o minério
A paisagem, o ar, a brisa de fim de tarde e um pouco
Do Horizonte ainda Belo.

Ronald Claver

Capital humanizada

Morar na capital
sentir-me no interior

Morar na capital
ser reconhecida
reconhecer
pessoas que passam
pelas ruas

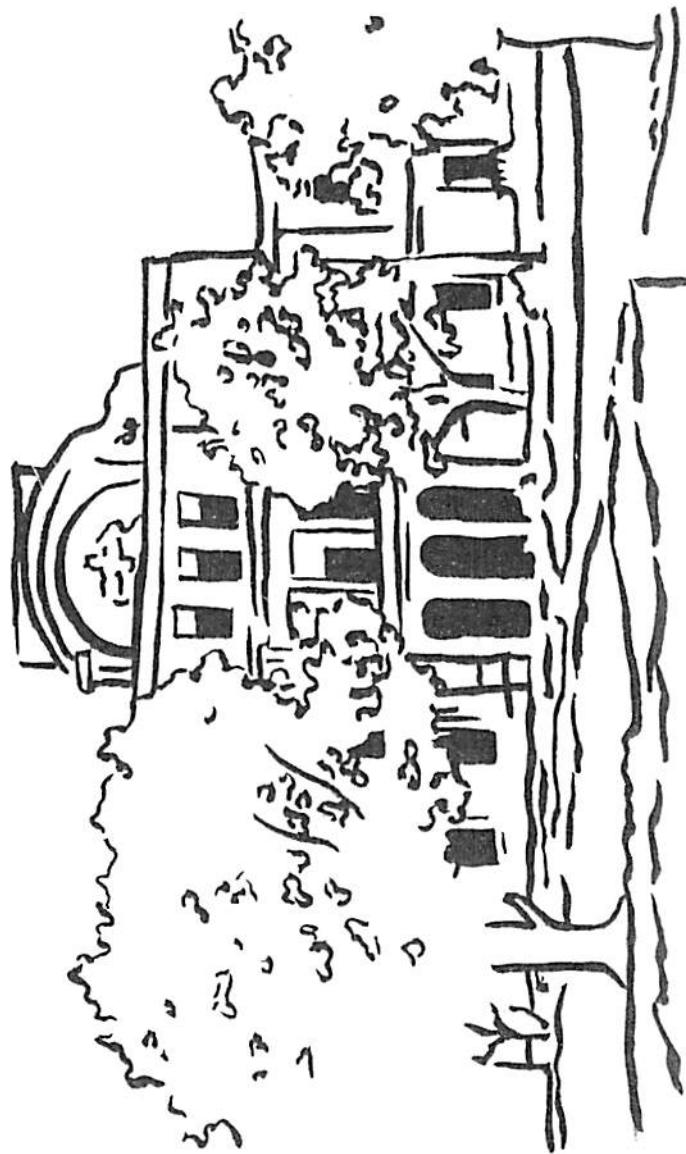
cumprimentar e conversar
perguntar pela saúde da avó
pelo rendimento escolar do filho
dar notícias do senhor da esquina
que passou mal
mas já melhorou

Morar na capital
e encontrar a casa dos amigos
sem saber o número ou
o nome da rua

Morar na capital
e ter como referência
de localização
um sinal
(mais que mapas e plantas)
pessoas e lugares comuns:
mercado, farmácia,
banca de revistas
a lanchonete onde
se faz suco de açaí
próxima ao Banco onde o gerente
se chama Jaci

Ainda é assim a BH dos mineiros
que se recusam a ser
engolidos e mecanizados
pela modernidade
na metrópole que cresce
ligeira
Mantêm a cidade
a serviço dos seres humanos,
faceira.

Bilá Bernardes



Mariana Parzewski Neves – Secretaria de Educação/Praça da Liberdade

Braços abertos

Olha moço
que bela cidade
se descortina
à frente de nossos passos.
Parece menina!

Depois da chuva
livre do pó
a cidade remoça.

Veja as pessoas
caminhando
tranqüilas.

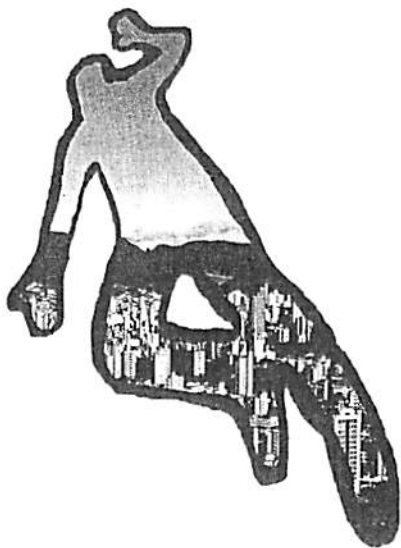
Não é dia de trabalho.
Alguns trabalham
ambulando
suas mercadorias
próximo à rodoviária.

Não há pressa
o dia é longo.

Quase deserta
a cidade recebe
o visitante
e o habitante
que regressa
à capital.

Belo Horizonte
recebe
de braços abertos.

Bilá Bernardes



Belo Horizonte no espelho do tempo

Belo Horizonte fez 100 anos. O campo do América, na saudosa e querida Alameda, não é um retrato na parede. Não há parede, nem retrato. O campo do Atlético: memorável e inesquecível. Estádio Antônio Carlos: tornou-se um esqueleto vertical de lojas luminosas e nenhuma bola. O campo do Cruzeiro: Juscelino Kubistchek de gostosas recordações, se horizontaliza em piscinas e comércio.

E o campo do Monte Castelo, do Atlético suburbano, do Paulistano e tantos outros? São palcos ociosos na memória da cidade. São paisagens diluídas em espetaculares avenidas e portentosos conjuntos habitacionais.

A cidade cresce como rosa dos ventos. É preciso pegar o tempo pela mão e trazê-lo para o coração da cidade. Em vez de ligarmos a TV, ligaremos a lua e a imaginação. Brincaremos de bente-altas, finca, nego fugido, bolinha de gude. E quando a noite chegar com seus olhos de veludo é hora do passa-anel, da

roda, da quadrilha. E quando o escuro da noite se incorporar ao outro lado da lua, é hora de ouvirmos histórias de assombração e dormir em doce pânico.

Belo Horizonte fez 100 anos e a Serra do Curral, embora fragilizada pela especulação e ganância, espera o reencontro de sua cidade com as coisas do coração.

Ronald Claver



Mariana Parzewski Neves - Parque Municipal

Sonho do parque

Avenida dos Andradas. Calçada ao lado do Parque Municipal. No gradeado, barraquinhas de camelô. Um amontoado de sonhos, pipocas, balas, pirulitos. Garrafão imundo num canto da mesa improvisada, flanela no outro. E cigarro picado. Mas, principalmente, sonhos. O dono, senhor já cinquentão, cara de aposentado, na visão de um estudante do Imaco.

Nas idas e vindas da rotina no colégio, sempre a mesma cena e um sossego do camelô que, às vezes, recebia visitas de “conhecidos” que compravam o cigarro picado. Impressionante como eu era observador (e ainda o sou!). Nenhum contato, fora a compra de dois ou três pacotes de pipoca doce depois da aula.

Observando um pouco mais, não que fosse o único espectador, mas apenas um entre os vários da avenida, no gradeado do parque, justamente próximo ao meu ponto de ônibus: o camelô, com seus sonhos. Descobri até o

“calmante” (cacetete de guarda do parque) embaixo.

Engraçado como somos possessivos. O ponto era meu. O ônibus esperado era meu. O camelô, do ponto; aliás, do parque. Talvez, para mim, aquela banca fosse menos do homem que do próprio local.

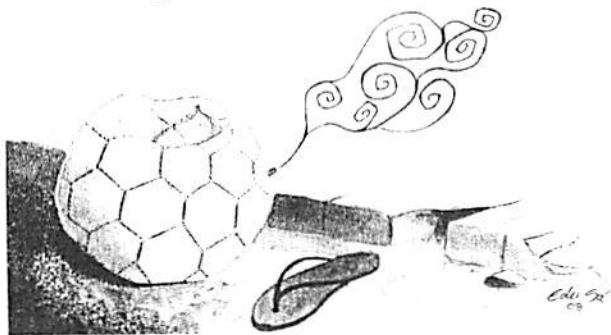
O certo é que, entre as várias tardes das quais passei no Parque Municipal, onde havia essa figura que considerava patrimônio de imaculada freqüência no René Giannetti, recordo-me de uma que ficou especialmente marcada. Talvez mais em mim que na visita que tomou uma pinga do garrafão imundo, com copo de adjetivo comum, que se desentendeu com o dono dos sonhos e levou algumas bordoadas do “calmante”. Os carros continuaram a passar. Depois de alguns minutos, os transeuntes já haviam se renovado. Em alguns instantes, peguei meu ônibus. No dia seguinte, no mesmo horário, tudo voltaria. O “calmante”... calmo. Tudo parecia um sonho.

João Fábio

Os meninos da pelada

Quem viveu no bairro Urca até o final da década de 80 deve se lembrar muito bem dos meninos da pelada. Havia os da manhã e os da tarde, de acordo com o horário de aula. Sábados e domingos, e também durante as férias, eles realizavam verdadeiros clássicos em via pública. Esses jogos eram festas organizadas pelos próprios meninos: nada de “amigos da criança”, conselhos de não-sei-o-quê, instituições beneficentes, ONGs ou qualquer outro órgão público cuidando da organização. Muito menos apoio desse ou daquele candidato a vereador.

O campo de pelada tinha a largura da rua, ficando “padronizado” à medida que o asfalto chegava ao bairro. Pares de chinelo ou



pedras representavam as traves laterais. O lugar do travessão, imaginário, dependia da envergadura de cada goleiro, ou seja: um ficava normalmente mais alto que o outro e não havia o menor problema!

Essa despreocupação com os padrões atingia o extremo nos jogos do Alvorada, time da Rua Marquês do Paraná, cujo goleiro, por ser uma pessoa com deficiência, jogava sentado. E a regra era a mesma: bola acima do que a sua mão poderia alcançar era alta. O gol não valia.

Os carros reduziam a velocidade e os pedestres subiam para a calçada ou aguardavam o grito de “pare-bola”, que era o sinal verde, a permissão para que o campo de pelada pudesse servir de passagem. Muitas vezes os adultos ficavam impacientes, mas esperavam, pois os meninos dominavam a rua.

Acaloradas discussões decidiam se um chute “foi por cima ou por fora da trave”, ou mesmo se “foi gol”. Não era necessário juiz, pois as argumentações, as reproduções do lance, a reconstituição da trajetória da bola e, em último caso, empurrões decidiam sobre a validade do tento, e o jogo seguia normalmente.

Cada rua do bairro tinha seus times,

sua dinâmica, seus horários. Muitos desses meninos tiveram futuro brilhante nos saudosos times de várzea da região.

Por que não temos mais meninos da pelada? Essa pergunta me perseguiu por algum tempo. Sempre fiquei horrorizado quando senhores e senhoras muito bem intencionados diziam: “tem que fazer alguma coisa pra tirar os meninos da rua”. Agora os parabênizo, atingiram seu objetivo. Nas ruas da Urca não há mais algazarra de meninos-jogadores. Servem somente para o trânsito.

Onde estão os meninos? Bem, hoje pela manhã, vi um grande número deles que permitiria compor dois times e mais um “de fora”. Estão protegidos do tráfico, de brigar na rua, das discussões sem juiz. Estão protegidos do risco de martelar o dedo na construção de troféus de madeira. Estão protegidos da dificuldade de tomar decisões em grupo sem um adulto para “orientar”, de aprender a trabalhar em equipe, de lidar com as divergências. Seguem resguardados da luz do sol, pelas portas negras de um lugar cujo nome aparece em inglês: *lan house*.

Edward Ramos

Uai, sô!!! Não é que é mesmo?!

Eduardo, um mineiro nato, que residia na Capital, estava ansioso com a chegada de seu amigo Fernando, que vinha do Rio de Janeiro. Fernando era um rapaz viajado, conhecia as principais capitais de todo o Brasil e agora, de malas prontas para o exterior, despedia-se dos melhores amigos.

Fernando trouxe a noiva para conhecer a capital mineira e o amigo Eduardo.

Eduardo, orgulhoso da amizade de Fernando, se constrangia sempre que o chamava de “meu amigo mineirinho”. Não gostava nem de imaginar que fazem dele uma imagem de caipira contador de causos engraçados. Pior ainda: talvez o comparasse ao grotesco Zé Buscapé, com aquele sotaque carregado, cachimbo no canto da boca, preguiçoso e resmungão.

Todos se esquecem do contraste da Capital e por isso, sempre que podia, Eduardo viajava para conhecer gente inteligente, lugares interessantes e paisagens encantadoras. Desta forma, podia fugir e esquecer um pouco da

capital dos mineirinhos, com seu linguajar cheio de cacoetes e de piadinhas que, para ele, eram de péssimo gosto.

Durante um bate papo aconchegante e falando sobre viagens, o amigo disse que havia se lembrado de trazer o álbum com as fotos dos lugares mais atraentes vistos por ele, os quais gostaria de rever e, ao mesmo tempo, mostrá-los à noiva.

Eduardo, visivelmente espantado, percebeu que havia várias fotos de Belo Horizonte no álbum. Fernando mostrava os lugares à noiva tão entusiasmado que parecia até um guia turístico: a Casa do Baile, Iate Tênis Clube, a Igreja São Francisco de Assis, o estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido pelo carinhoso nome de "Mineirão", o estádio Jornalista Felipe Henriot Drummond, popularmente conhecido como "Mineirinho", o Museu de Arte da Pampulha, o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, o Mercado Central, o Parque Municipal Américo Renné Gianneti, a Serraria Souza Pinto entre outros belíssimos teatros parques e praças.

Eduardo ficou constrangido. Além das belas fotos, Fernando repassava à noiva informações que nem ele mesmo conhecia ou

sabia: motivos das construções, responsáveis políticos, datas, entre outros conhecimentos geográficos e históricos.

Fernando reforçava a todo momento que ele, Eduardo, deveria estar cansado de admirar a beleza e encantos desta tão Belo Horizonte.

Diante dos reflexos de luzes coloridas sobre as águas da Lagoa da Pampulha, Eduardo, sem perceber e com ares de mineiro, resmungou instintivamente pelo canto da boca: “Uai, sô!!! Não é que é mesmo?!”

Marilia do Nascimento Alcanjo

Onde estão as joaninhas?

Há uns quinze anos, Belo Horizonte conservava algumas peculiaridades que a tornavam uma cidade mágica pra mim. Minha casa também. Lá havia uma cerca viva de ora-pro-nóbis e nossos vizinhos colhiam as folhas dessa planta pra engrossar a bóia. A cerca não era só viva, era vital. E muito mais eficiente que um muro, pois além de dar o pão, se necessário, espetava. Ninguém se atrevia a invadir nosso lote. Não que houvesse algo pra roubar. Naufragávamos no plano Collor, só que nossa embarcação era grande, repleta de verde e de toda espécie de bichos. Alguns imaginários, outros reais.

Não me lembro a primeira vez que vi o nosso terreiro. Minha mãe conta que descemos em direção à casa a escorregões, junto com guarda-roupa, cama e toda nossa mudança. Chovia muito. O terreno é íngreme e, na época, era de terra.

Mas tenho guardado em minha memória muitas outras coisas. As borboletas, por exemplo, uma infinidade de cores que dias

antes eram lagartas a sapear o couro da gente e, logo depois, lindas feiticeiras que nos atraíam com seu vôo lento, praticamente um balé aéreo que os nossos olhos acompanhavam em êxtase, aceitando, sem hesitação, o convite para aquela dança. Era a metamorfose ao alcance dos olhos e algumas ainda tinham a capacidade de se camuflarem nos troncos das árvores. Isso só podia ser feitiçaria! Como a do vaga-lume!

Além desses seres, hoje quase mitológicos, havia outros bichos que nosso pai ou nossa compaixão trazia para casa. Um em especial marcou nossas vidas: Filó, uma cadela diferente de qualquer outra. Tenho a impressão de que tinha alma de gente. Não podia ver a gente brincando lá em cima que vinha toda eufórica querendo participar também. Subia por uma escada de madeira dessas que ficam apoiadas na parede e que você precisa usar as mãos e os pés com firmeza para não cair e ela tinha acesso à laje. Mas não era isso que a tornava diferente. Era seu olhar que refletia todas suas intenções e seus sentimentos, sendo às vezes até dissimulado. Acho que deveríamos ter colocado o nome dela de Capitu.

A lista de animais que já dividiram o

quintal com a gente é grande. Coelho, pato, marreco, porquinho da índia, galinha, cabra, periquitos e algum outro que eu possa ter me esquecido eram nossa companhia diária. E a maioria tem alguma história peculiar. Para finalizar esta parte da fauna, fico com a imagem do parto da cabra. Ali na minha frente, sem cerimônia, ela despejou uma cabritinha no chão, que aos poucos foi se equilibrando, até alcançar as tetas da mãe. *Discovery Channel* de graça e ao vivo!

Não tenho muito conhecimento sobre plantas. A única coisa que sei é que a flora do meu lote era exuberante e perigosa, pois nela habitavam alguns bichos desconhecidos que davam as caras ao pôr-do-sol. Resumindo, morria de medo de ficar lá à noite, mas durante o dia não tinha coisa melhor. Eu ficava literalmente de galho em galho, do pé de manga pro de abacate e depois pro de jatobá. Adorava pegar a manga do galho mais alto. Saía com ela nas mãos como se fosse um troféu. E caso eu não a alcançasse, derrubava a pedradas mesmo.

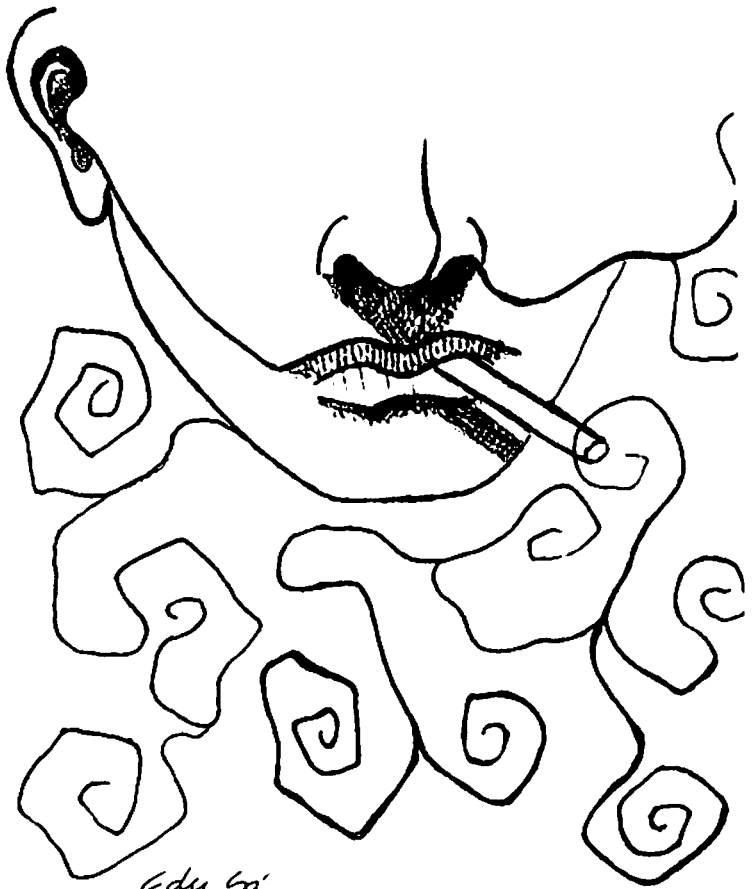
Mas nem tudo são flores neste mundo capitalista, onde tudo muda e muito rápido. Então, eis o dia em que o progresso, digo o

Congresso, não, o concreto chegou à periferia. A cerca deu lugar ao muro. Era mais bonito e seguro. Meu quintal, que era um verdadeiro mosaico verde, começou a se transformar num cinza chato, bobo, sem graça... Tchau, abacateiro; adeus, goiabeira! O jatobá foi morrendo aos poucos. Parece que tinha desistido de viver longe de seus companheiros. Juro que o escutei gritando quando foi cortado, coitado.

E as coisas continuam mudando de uma maneira imperceptivelmente gritante (se a contradição me é permitida). Vemos e fingimos não perceber.

P.S. Não falei pra vocês, mas tem um bichinho pelo qual eu era fascinado e não o vejo há muitos anos. Exalava um cheiro inconfundível que era indício de sua proximidade. O aroma não era dos melhores, mas era bom saber que eles estavam ali, por perto. Afinal, alguém pode me responder onde estão as joaninhas? E os soldadinhos, as borboletas, os vaga-lumes?...

Ulisses Rodrigues Vieira de Souza



Edu Sa'

John Goes, Bells

quando john lennon morreu, eu ainda não sabia disso: estava zanzando pelo centro da cidade com um copo de vinho na mão e uma garrafinha quase cheia na bolsa, uma bolsa de pano marrom que me acompanhou por muitos anos.

as ruas estavam cheias de gente fazendo compras, cada loja com o seu papai noel batendo sininhos, suas barrigas de travesseiro, pagando aquele mico pra levantar algum.

a tarde estava quente, mas nublada. talvez ainda chovesse, e aí o arrudas traria mais notícias ruins.

no bolso da minha camisa, o bloco de anotações. na bolsa, alguns exemplares do meu primeiro livro, que eu pretendia vender à noite, nos bares da zona sul.

eu era um poeta marginal, como se dizia, e estava só dando um tempo até a hora de cair na vida. eu não tinha emprego fixo nem móvel nem sabia o que era *free-lance* nem sabia fazer nada que pudesse me dar alguma grana além de

vender meu peixe. (dinheiro que, mal entrava, ia para os bares e sebos do maletta.)

talvez byu ainda aparecesse. ele também tinha feito um livro e às vezes a gente saía juntos vendendo nossa poesia. mas naquela hora ele estava (só mais tarde fiquei sabendo) no cine royal, dando uns amassos em rose.

portanto eu estava de bobeira, tentando acabar com o vinho e buscando inspiração pra um improvável poema natalino. nessa época eles estacionavam caminhões em algumas ruas do centro, vendendo vinho e uva vindos “diretamente do rio grande do sul”. devia ser de péssima qualidade, mas a gente não queria nem saber: era barato e ninguém se incomodava de sair bebendo pelas ruas como se a cidade vivesse uma bacanal permitida.

na galeria ouvidor ouvi uma (*day tripper*), duas (*don't let me down*), três (*help!*) canções dos beatles. quando tocaram *imagine* com aquela tradução babaca da letra, desconfiei que alguma coisa estava errada.

perguntei pro balconista da pastelândia e ele me contou que um filho da puta qualquer tinha

enchido john lennon de azeitonas.

fiquei triste, claro, e aproveitei pra comprar mais vinho.

achei que aquele momento merecia uma atitude de protesto, e por isso sentei nos degraus do pirulito da praça sete com o bloquinho e a caneta nas mãos.

escrevi alguns versos (anos depois publicaria a rima “vôos / beatles”) sobre a morte, mas aquela, em especial, não dava rock.

pouco depois byu chegou com sua namorada. contei pra ele o que tinha acontecido, mas ele já sabia.

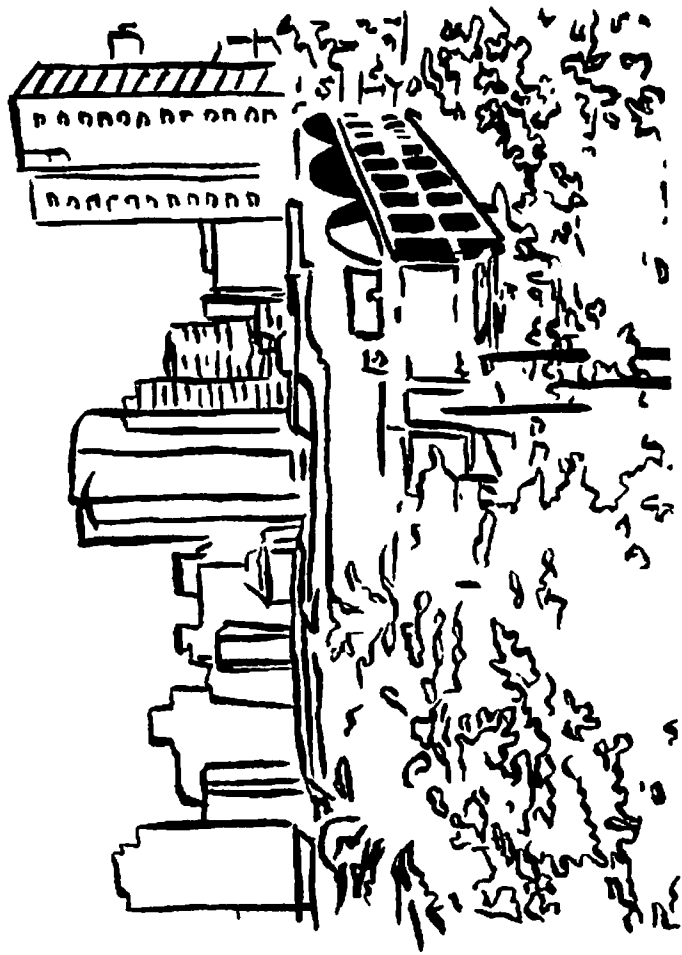
ficamos os três ali, respirando fumaça até escurecer, tentando lembrar todas as músicas dos beatles que conhecíamos. (não eram muitas: esquerdistas de ocasião, quase só ouvíamos mpb.)

quando o vinho acabou, rose foi fazer compras pra sua família e nós dois fomos até a savassi traficar nosso bagulho.

mas aquela foi uma noite ruim de um dia duro:

acabei voltando pra casa mais cedo que o
normal
e sonhei que tinha tudo dos beatles
mas eu não tinha
nem tenho
nada
até hoje.

Sérgio Fantini



Mariana Parzewski Neves – Mercado Central

O mundo num dedal

Nesta época de *shoppings centers* tão parecidos que nos confundem se estamos em São Paulo, Cingapura ou Amsterdã, todos clonados a partir de matrizes norte-americanas que impregnaram o mundo com a mesmice pasteurizada, nada melhor que recuperar o cheiro da terra, o bom e velho gosto das raízes, a cor local, a individualidade. Será que ainda é possível?

Existe um lugar em Belo Horizonte onde se conservam tradições de vida e de consumo, apesar da sedução das bolhas de vidro climatizadas por plantas de plástico. Sob um único teto, encontram-se produtos inexistentes nos *shoppings* sofisticados, dispostos em caos aparente que apenas ressalta a ordem subjacente à engenhosidade humana.

A cara, o paladar, a geografia, a variedade de Minas Gerais se chama Mercado Central e se encontra ali, na Augusto de Lima. Ao andar pelas vielas do prédio, um labirinto que nos leva de uma surpresa a outra, nuvens de odores das flores, das frutas e dos temperos nos atravessam e fundem-se ao dos defumadores contra mau-olhado. Ecumênica

combinação.

Nas bancas, expõem-se artigos estranhos como tripa de carneiro, erva viagra ou vela chama-dinheiro. Consta-se nosso sincretismo religioso na loja que vende imagens do diabo tranca-rua, Santa Catarina, Iemanjá e Santo Antônio.

Ao lado, ouve-se a algazarra de pássaros, cães e gatos, enquanto o perfume do fígado acebolado invade o ar e enche minha boca de saliva. Compra-se todo tipo de queijo produzido no estado: do frescal ao canastra, passando pelo Serro e pelo gorgonzola de São Vicente. Norte, Sul, Leste e Oeste oferecem o que têm de melhor. A profusão de apelos me fascina. Meus sentidos caem na farra.

Também se conhece uma cultura pelos hábitos de consumo. Quanto mais variadas as opções à mesa, mais interessante costuma ser. Para constatar, percorra o Mercado Central e verifique a diversidade de produtos: do artesanato aos remédios populares, do cristal importado da Boêmia aos periquitos australianos. Somos universais em nossa tradição.

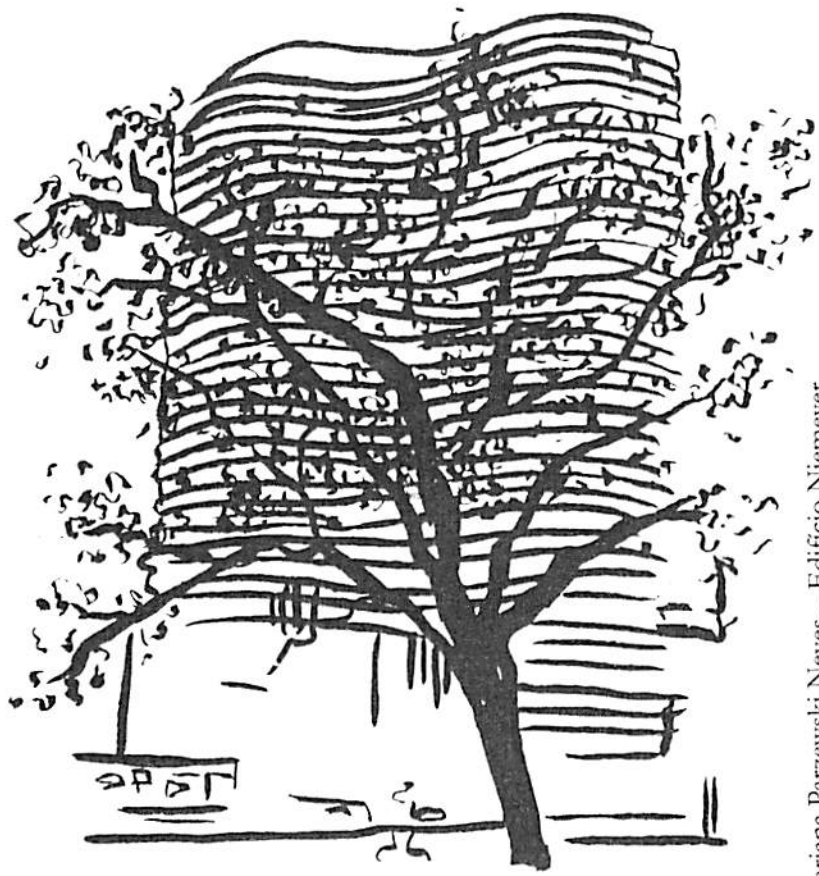
Se as compras não o atraem, vá ao Mercado Central para ver as pessoas. Todos os

matizes da nossa miscigenação o freqüentam. Se quiser penetrar ainda mais na alma da cidade, pare em um dos bares onde o belo-horizontino exhibe o sorriso e o espírito fraternal. Encostado em mesas improvisadas sobre caixas de cerveja, peça uma bebida e uma carne com jiló grelhado. E deixe a conversa rolar.

Dia desses, assim que serviram um sanduíche de pernil ao carregador a meu lado, com alegria genuína, ele me ofereceu um pedaço. Jamais havia me visto. Aceitei de bom grado. Ali perto, um barítono entoava “*Peixe Vivo*”, acompanhado de vozes tímidas que logo se soltaram. Atleticanos e cruzeirenses puseram a rivalidade de lado, os problemas do mundo desapareceram, a fraternidade aconteceu diante da antiga canção e continuou mais tarde, regada a pinga da boa.

Com a tradição e a gente do Mercado Central, Belo Horizonte vai bem, muito bem, obrigado. Mantém a autenticidade que a mesmice pasteurizada destrói mundo afora.

Luís Giffoni



Mariana Parzewski Neves – Edifício Niemeyer

Povos de todo o mundo

Belo Horizonte está em festa pelas comemorações dos seus 110 anos. Entre defeitos e virtudes, a cidade construída para ser a capital de Minas Gerais tem muito a agradecer aos imigrantes que aqui chegaram, trazendo muito de sua cultura na bagagem. Como não reconhecer a contribuição da colônia italiana, que aqui se fixou no início do século XX, formando os bairros Prado e Barro Preto, e fundou o clube Palestra Itália, o hoje consagrado Cruzeiro Esporte Clube?

Foram os italianos que inauguraram na cidade as primeiras grandes padarias, algumas delas depredadas durante a Segunda Guerra Mundial pela fúria dos intolerantes, que preferiam fazer a guerra longe dos campos de batalha. Foi com eles que aprendemos o gosto pelas massas e pelo vinho, e a afinar os ouvidos para o bom-gosto musical. Também introduziram na cidade a arte da marmoraria, que resultou nas esculturas que fazem do cemitério do Bonfim uma galeria de arte a céu aberto, no bairro de mesmo nome.

Não podemos deixar de louvar as contribuições de portugueses, espanhóis, alemães e muitos outros povos que também marcaram presença na história da cidade. Com as comunidades síria e libanesa, que abriram suas lojas no Bairro Lagoinha e na Rua dos Caetés, aprendemos a admirar os tecidos finos e coloridos e a saborear o quibe e a deliciosa esfirra. Com os judeus descobrimos o requinte da ourivesaria e a importância do comércio varejista. Povos orientais também contribuíram com a antiga Cidade de Minas, o que explica o sucesso dos restaurantes de comida chinesa, japonesa, tailandesa.

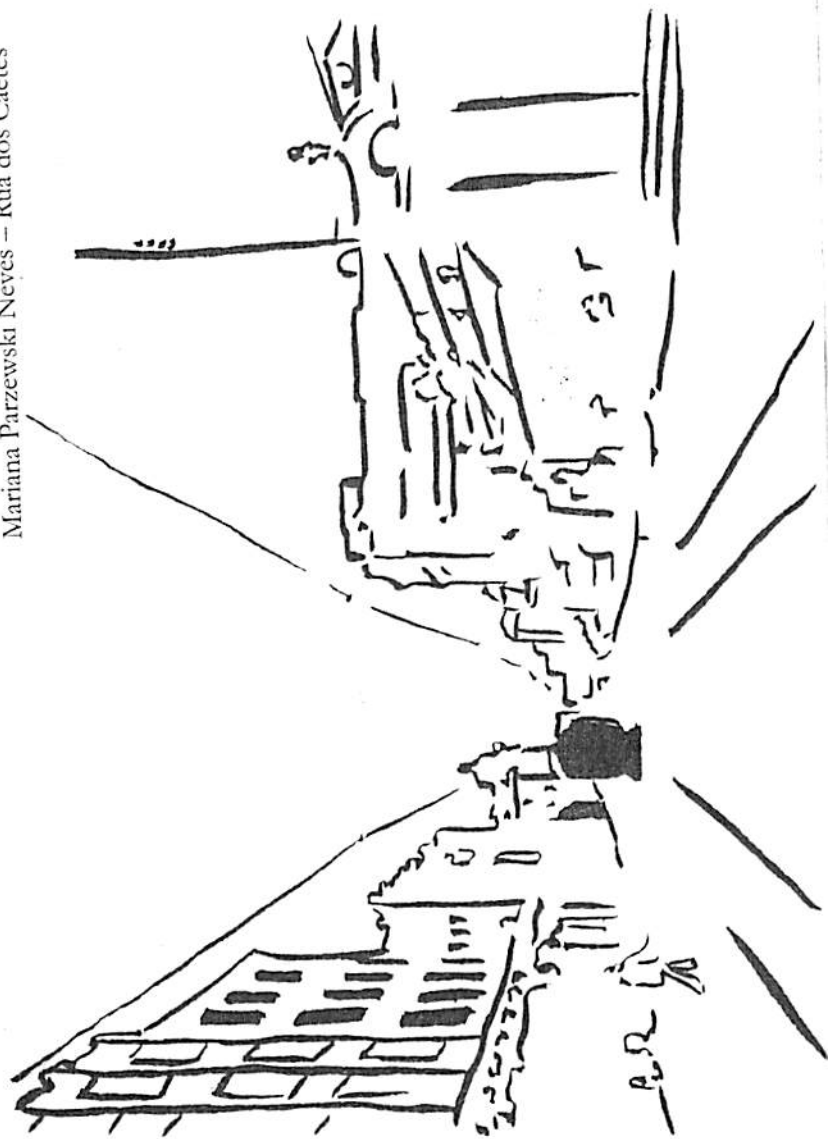
Por sua vez, os ingleses chegaram com a estrada de ferro e exploraram ouro na vizinha Nova Lima. Três gerações de donos da Mina de Morro Velho residiram na fazenda da Jagoara Velha, no município de Matozinhos, onde introduziram a raça de cães Fila Brasileiro. Com os súditos da rainha aprendemos expressões que se tornariam tipicamente mineiras, como “uai” (derivada da interrogação *why?* = por quê?) e “trem”, de *train*, que se refere à locomotiva e seu conjunto de vagões. Mais que isso, aprendemos o nosso jeito aristocrático,

que nos faz desconfiar até mesmo do tempo, o que explica o fato de muitos de nós não sair de casa sem casaco e guarda-chuva.

Com os descendentes dos escravos africanos aprendemos temperos, rezas, crenças, capoeira, congado e folia. Além do samba, naturalmente, pois a cidade sempre teve sambistas, como Rômulo Paes, Jadir Ambrósio, Mestre Conga, Serginho Beagá, Gervásio Horta e as cantoras Dóris, Helena Penna e Eliane Jansen, entre outras “feras” do ritmo. Mas, acima de tudo, há que se louvar também a contribuição dos verdadeiros donos da Terra Brasilis, que por aqui andaram antes dos bandeirantes e cujos nomes batizaram as ruas Aimorés, Caetés, Guarani, Guajajaras, Tamoios, Tapuias, Tupinambás e muitas outras.

Jorge Fernando dos Santos

Mariana Parzewski Neves – Rua dos Cactés



Amando em Belo Horizonte

A Ouro Preto dos sonhos ficara pequena.
As Minas cresciam e as Gerais despontavam.

Fez-se necessária outra Ouro Preto.
Vasculharam-se os planos e os mares de morros.
Escolheu-se um plano entre currais naturais.

Planejou-se sob o pilar da vanguarda.
Desenhou-se sob a luz das idéias inovadoras.
Traçados retos, quadrados, triângulos e polígonos.
Construiu-se a bela capital de distantes horizontes.
Nasceu assim a Belo Horizonte.

Lugar de gente diversa e barulho de metrópole.
Tribos modernas em ruas com nomes de índios.
Carruagens de metal zigue-zagueando.
Sons diversos ativando a minha mente.

Nesta cidade encontro corriqueiramente um anjo.
Vamos ao óbvio e vivemos emoções novas.
No parque municipal esqueço da vida e a olho.
É o descanso merecido no intervalo da labuta.

São suaves teus braços e doces tuas palavras.
Teu beijo é meu e teu sorriso me alumia.

Quero que dure a tarde toda.
Mas a lida me chama e tenho que ir.

Volta comigo para mais uns instantes ficarmos
juntos.

Então vamos pelos catetos do centro.
Deixemos as hipotenusas visto que são rápidas
E eu quero gastar tempo com ela.

Assim descemos a Bahia e subimos a Carijós
Descartamos a velocidade da Afonso Pena.
O andar é mais demorado.

A cada passo a vejo.
A cada pensar a encontro.
A cada esquina a desejo.
A cada dia a amo mais
E assim nos despedimos aos beijos.

Adriano de Moraes

Sobre os autores

Adriano de Moraes

Natural de Campo Belo - MG e residente em Belo Horizonte desde 2005. É Químico e Engenheiro Ambiental e mestre em Geologia. É Analista Ambiental da Fundação Estadual do Meio Ambiente / MG.

Adriano Paulino

Artista de rua e designer. Tem trabalhos publicados em revistas no Brasil, França e EUA. Participou de coletivas na Itália, Brasil e Israel.

Bilá Bernardes

Bilá Bernardes é o codinome de Maria Angélica Bernardes dos Santos. Nasceu em Santo Antônio do Monte em 22/01/1950. Desde 1970, reside em Belo Horizonte, onde trabalha como psicopedagoga. Publicou em várias antologias no RS (XIV e XV Congressos Brasileiros de Poesia), em Belo Horizonte Poetas En/Cena do Belô Poético e o livro Foto*Grafias* de Des*Casamento*, editora ANOME Livros. 2008. Publica na internet. E-mail: bilapsi@gmail.com

Eduardo Sá

Desenvolve trabalhos em design gráfico e ilustração enquanto gradua-se em Artes-Visuais

pela EBA - UFMG. Segundo ele, tudo pode influenciar seu trabalho. Nas horas vagas gosta de dançar e sair com os amigos.

Edward Ramos

Gestor cultural da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Sua trajetória (coordenador de grupo de jovens, presidente de associação comunitária, diretor de teatro e militante da área cultural) foi iniciada com as "peladas" nas ruas do Bairro Urca.

Jorge Fernando dos Santos

Jornalista, escritor e compositor, publicou crônicas no jornal Estado de Minas, algumas reunidas na coletânea "Todo Mundo é Filho da Mãe" (Editora Ciência Moderna).

Luis Alberto (Alemão) 8468-8022 9284-5469

Natural de Contagem, 23 anos gosta de escrever poesias em suas horas vagas, onde retrata sua vida e sentimentos, adora musica e pretende cursar Letras e lançar vários livros de poesias. Inspirado em Shakespeare.

Luis Giffoni

Escritor, escreveu crônicas para jornal O Tempo e tem vários livros publicados, entre eles a coletânea "O Reino dos Puxões de Orelha e Outras Viagens" (Editora Pulsar).

Mariana Parzewski Neves

Graduanda em Artes Visuais com habilitação em pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Entre seus trabalhos destacam-se a recuperação das telas do teto da Igreja de Nossa Senhora Abadia de Cristais Paulistas - SP e a participação como desenhista (Equipe de Figurino) da montagem do espetáculo *O Guesa Errante*, 2007.

Marília do Nascimento Alcanjo

Belo Horizonte, Graduada em Serviço Social pela PUC-MG, escreve por paixão. Servidora pública federal desde Outubro de 1987, autora da Cartilha de Higienização: Orientações básicas para higienização em estabelecimentos de saúde Janeiro/2007.

Rejane Helena Neves

Rejane Helena Cravalho Lage Neves, formada em Letras licenciatura plena em língua portuguesa pela UNI_BH. Ext.universitária em neurolinguística e introdução á semiótica. Atualmente cursa especialização em Língua Portuguesa -Leitura e produção de texto e especialização em Temas filosóficos na UFMG.

Ronald Claver

gostador e gastador da vida. a literatura é uma janela,

um telefone sem fio, uma porta, uma casa, uma comunidade. sou o electricista deste condomínio, às vezes dou choque. às vezes luz. tenho mais de duas dezenas de livros publicados. uns estão por aí, alguns fugiram de mim, outros aguardam na gaveta da memória. faça da palavra escrita meu aprendizado, minha lua, minha cerveja, meu supermercado. visite-me, estou sempre à sua espera no www.ronaldclaver.com.

Sérgio Fantini

É de BH. Um dos coordenadores do 9º Encontro das Literaturas/2008, que acontece em agosto, homenageando as literaturas populares. Este conto foi tirado do livro "A ponto de explodir", lançado este ano.

Stela Soares

Belorizontina, Estudante de Letras da UFMG, poeta e "blogueira" desde os 15 anos. Coleciona pop-cards, chaveiros, joaninhas e Saps. Não tem casa, publicações poéticas e afins. Tem dois gatos: pretume e caramelo com coco.

Suziane Carla Fonseca

Belo Horizonte recebeu Suziane Carla Fonseca em 02/06/1971. Casada e mãe de 2 filhos, formou-se em Comunicação Social/Jornalismo pela PUC-MG

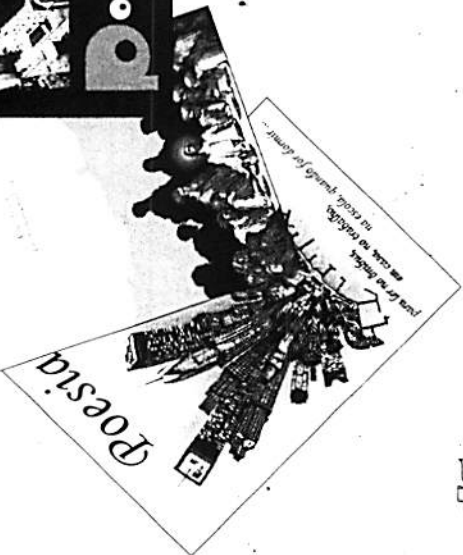
em 1994. Mestre em Literatura pela UFMG, *Estudos Literários*. "Nas Entrelinhas do Espaço: a criança e o velho" em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

Ulisses Rodrigues Vieira de Souza

Natural de Belo Horizonte, tem 23 anos e é aluno do curso de graduação de Letras da UFMG. Imerso no mundo artístico seja por influência familiar ou por anseios próprios, dialoga com a música, o teatro e a literatura.

DOAÇÃO

De: Sinhu Editorial
Seleção e Texto / FALC
Em: 13 / 06 / 2009
R\$: 1,00



1,99



à tela
e o texto